

## Zona

Por fim já não suportas mais esse mundo antigo

Ó torre Eiffel pastora o rebanho das pontes bale esta manhã

Estás farto de viver na antiguidade grega e romana

Aqui até os automóveis parecem antiguidades  
Só a religião se manteve novinha em folha continuou simples  
A religião como os hangares de Port-Aviation

Ó Cristianismo só tu não estás fora de moda na Europa  
O Europeu mais moderno sois vós Papa Pio X  
E tu que as janelas espiam é a vergonha que te retém  
De entrar numa igreja para te confessares esta manhã  
Lês os prospectos os catálogos os cartazes que cantam bem alto  
Esta manhã esta é a poesia que temos e para a prosa há os jornais  
Há os fascículos a 25 cêntimos a transbordar de aventuras policiais  
Perfis de homens eminentes e mil títulos diversos  
Vi esta manhã uma rua lindíssima de que esqueci o nome  
Asseada e nova era mesmo o clarim do sol  
Os directores os operários e as belas esteno-dáctilos  
Passam por ela quatro vezes por dia de segunda de manhã a  
sábado à tardinha  
De manhã a sirene gemeu nela por três vezes  
E um sino latiu de raiva por volta do meio-dia  
Os dizeres das tabuletas e dos muros  
As placas os anúncios papagueiam como papagaios  
Adoro a graça desta rua industrial  
Sita em Paris entre a rua Aumont-Thiéville e l'avenue des Ternes

Eis a jovem rua e tu ainda não passas de um puto  
Só de azul e branco a tua mãe te veste  
És muito piedoso e com o mais antigo dos teus camaradas René  
Dalize  
Apreciais sobretudo as solenidades da Igreja  
São nove horas o gás todo de azul foi baixado saís às escondidas  
do dormitório  
Rezais a noite inteira na capela do colégio  
Enquanto a eterna e adorável profundidade ametista  
Faz girar para sempre a flamejante glória de Cristo  
É o belo lírio que todos cultivamos  
É o facho de cabeleira ruiva que o vento não apaga  
É o filho pálido e enrubescido da dolorosa mãe  
É a árvore sempre frondosa de todas as preces  
É o duplo suporte da honra e da eternidade  
É a estrela de seis braços  
É Deus que morre à sexta e ao domingo ressuscita  
É Cristo que sobe aos céus os aviadores não conseguem fazer  
melhor  
O recorde do mundo da ascensão é seu

Cristo pestaneja da vista  
Vigésimo pestanejar dos séculos — ele sabe como é  
E transmutado em pássaro este século como Jesus sobe nos ares  
Os diabos nas profundas levantam a cabeça para o olhar  
Dizem que imita Simão o Mago na Judeia  
Gritam que se sabe voar lhe chamem então ladrão  
Os anjos rodopiam em torno do velo funâmbulo  
Ícaro Enoch Elias Apolónio de Tiana  
Flutuam em volta do primeiro aeroplano  
Afastam-se por vezes para deixar passar os que levam a Santa  
Eucaristia  
Esses padres que sobem eternamente erguendo a hóstia  
O avião pousa por fim sem fechar as asas

O céu enche-se então de milhões de andorinhas  
Os corvos os falcões os mochos acorrem num abrir e fechar d'asas  
De África chegam os íbis os flamingos os marabus  
O pássaro Rochedo celebrado por contadores e poetas  
Plana mantendo nas garras o crânio de Adão cabeça primaz  
A águia soltando um enorme brado ergue-se do horizonte  
E da América vem o pequeno colibri  
Da China acorreram os piis peraltas e flexíveis  
Que só têm uma asa e voam em casal  
Eis em seguida a pomba espírito imaculado  
Escoltada pela ave-lira e o pavão ocelado  
A fénix essa fogueira que a si mesma se engendra  
Um instante tudo recobre com a sua ardente cinza  
Voltando as costas aos estreitos perigosos chegam as sereias  
Cantando maviosamente as três  
E em unísono águia fénix e piis da China  
Confraternizam com a máquina voadora

Caminhas agora absolutamente só entre a multidão de Paris  
Rebanhos de autocarros bramindo passam por ti rolando  
A angústia do amor aperta-te os gasganetes  
Como se fosse teu fado não voltares jamais a ser amado  
Vivesses tu outrora entrarias num convento  
Sentis vergonha quando vos surpreendem a rezar  
Ris de ti próprio e como fogo do inferno o teu riso crepita  
E as suas faúlhas douram o fundo da tua vida  
É um quadro pendurado num museu sombrio  
E por vezes chegas-te para o olhar de perto

Caminhas hoje por Paris as mulheres estão ensanguentadas  
Era e eu gostaria de não mo lembrar era quando a beleza  
começa a declinar

Rodeada de chamas de fervor Nossa Senhora olhou para mim em  
Chartres

O sangue do vosso Sagrado Coração inundou-me em Montmartre  
Estou doente só de ouvir as palavras bem-aventuradas  
O amor de que sofro é uma doença venérea  
E a imagem que te traz possesso obriga-te a viver na angústia e na  
insónia  
Está sempre ao pé de ti essa imagem que passa

Estás agora nas margens do Mediterrâneo  
Sob limoeiros que florescem durante todo o ano  
Com os teus amigos passeias-te de barco  
Um é Nissardo há um Mentonasco e dois Turbíascos  
Olhamos com pavor os polvos das águas profundas  
E por entre as algas nadam os peixes imagens do Salvador

Encontras-te no jardim de uma pensão nos arredores de Praga  
Sentes-te feliz há uma rosa sobre a mesa  
E observas em vez de escrever a tua narrativa em prosa  
A cetónia adormecida no coração da rosa

Apavorado vês-te desenhado nas ágatas de São Vito  
Sentias uma tristeza mortal no dia em que nelas te viste  
Parecias o Lázaro enlouquecido pelo dia  
As agulhas do relógio do bairro judeu correm às avessas  
E tu tomas lentamente às arrecuas o curso da tua vida  
Subindo ao Hradchin e ouvindo de noite  
Nas tabernas cantar canções checas

Eis-te agora em Marselha no meio das melancias

Eis-te em Coblença no hotel do Gigante

Eis-te em Roma sentado à sombra de uma nespereira do Japão

Eis-te em Amesterdão com uma moça que achas bonita  
e que é feia  
Deve casar-se com um estudante de Leida  
Onde se alugam quartos em latim Cubicula locanda  
Eu lembro-me bem passei lá três dias e outros tantos em Guda

Estás em Paris com o juiz instrutor  
Como a um criminoso dão-te ordem de prisão

Fizeste viagens dolorosas e viagens jubilosas  
Antes de perceberes que há mentira e idade da vida  
O amor fez-te sofrer aos vinte e aos trinta  
Vivi como um louco e deitei fora o tempo  
Não ousas doravante olhar as tuas mãos e constantemente tens  
vontade de soluçar  
Por ti por aquela que amo por tudo o que te amedrontou

Com olhos rasos de lágrimas olhas aqueles pobres emigrantes  
Acreditam em Deus rezam as mulheres dão o seio às crianças  
O cheiro que deitam enche o hall da gare de Saint-Lazare  
Acreditam na sua boa estrela como os reis magos  
Contam ganhar dinheiro na Argentina  
E fortuna feita regressar ao país de origem  
Uma família leva um edredão vermelho como vós trazeis um  
coração  
Esse edredão e os nossos sonhos pertencem ambos à irreabilidade  
Alguns desses emigrantes ficam por cá e moram  
Na rua das Roseiras ou na das Écouffes em cubículos imundos  
Vi-os muitas vezes ao cair da tarde apanhar ar na rua  
Deslocam-se raramente como as peças no xadrez  
São sobretudo Judeus as mulheres usam peruca  
Permanecem sentadas exangues no fundo das lojas